

JORNAL DE LAGOS

Periódico de Informação e Propaganda Regionalista

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA CANDIDO DOS REIS, 8

Não se restituem originais quer sejam ou não publicados

DIRECTOR

Jacques d'Oliveira Neves

ADMINISTRADOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR

Francisco da Conceição Paula

Composição, Impressão e Propriedade de

TIPOGRAFIA LACOBRIENSE—Rua Candido dos Reis, 8 e 10—Lagos

Museu Regional de Lagos

Grupo de Amigos do Museu

Estão a terminar as obras de ampliação (3.ª fase) do Museu Regional de Lagos. Em 1931 instalámos a secção de Arte Sacra na Sacristia da Igreja de Santo António; e a essa pouco mais foi possível acrescentar, pois tivemos um precioso colaborador no nosso amigo António Augusto da Luz, que melhor do que ninguém conhecia o que se achava arrecadado nas Igrejas e, sem prejuízo para o culto, podia figurar no Museu; isso efectuou-se por depósito obsequiosamente feito pelo então prior das duas freguesias Snr. Padre Francisco António do Carmo.

Só em fins de 1933 se conseguiu a obra que nos facultou a possibilidade de iniciarmos a instalação do Museu propriamente dito e nessa sala se colocou a Arqueologia e Numismática a que em breve se juntou um pouco de Etnografia geral colonial e do Algarve. E assim ficou iniciado o Museu com duas salas, terminando-se a 1.ª fase. Mas dentro de algum tempo, em 1937, já a sala estava de tal forma cheia que o Museu ia tomando o aspecto de bric-à-brac, o que para nós era bem desagradável. Mostrando à direcção Geral dos Monumentos Nacionais o nosso descontentamento e verdadeira aflicção pela falta de espaço para colocar convenientemente o que fomos conseguindo adquirir, fomos atendidos; e em 1938 a Direcção dos Monumentos Nacionais mandava estudar e executar a 2.ª fase das obras. Uma das salas ficou terminada em 1939 mas outra foi necessário fazer-se-lhe uma forra de alcatrão por causa da humidade e isso só foi possível completar mais tarde, quando, já reconhecendo que essas duas salas eram insuficientes, conseguimos da amabilidade dos Srs. Directores dos Monumentos Nacionais mais um acréscimo, o que tudo devia estar pronto em 1940, para se fazer a inauguração oficial do Museu a quando das Festas Centenárias.

A minha grave doença porém, nesse ano, fez paralisar os trabalhos, que afinal só vieram a concluir-se em 1942. Nesta altura já tínhamos dado início e certo desenvolvimento à organização de duas Secções que desde o princípio tínhamos em programa: Etnografia do Algarve e Biblioteca anexa ao Museu, que seria o começo da Biblioteca Municipal para o que, desde 1934, em artigos neste jornal, tínhamos pedido que nos auxiliassem dando alguns livros, pois só assim julgávamos possível organizar entre nós uma Biblioteca.

Verificamos porém, que já era acanhado o espaço de que dispúnhamos e necessitávamos, pelo menos, de mais uma sala e um pequeno gabinete para a Direcção. Mais uma vez temos a agradecer reconhecidos aos Srs. Directores dos Monumentos Nacionais por nos atenderem; e é esta, a terceira fase, que está a terminar por estes dias. Esperamos contudo, não ficar por aqui; ainda há muito a fazer e... a revolução continua.

Por agora temos que pensar e dedicar toda a nossa atenção à instalação definitiva do que já temos e tudo preparar para finalmente se poder fazer a inauguração oficial no próximo ano. Necessito para isso ser um bocadinho mais ajudado do que tenho sido até aqui.

Eis a razão deste meu artigo.

Não podemos esperar tudo dos Poderes Públicos e necessitamos corresponder aos seus auxílios com a nossa dedicação e boa vontade, pois só assim nos mostraremos reconhecidos.

Nós já temos um Museuinho que nos não envergonha, pois que para Museu de Província, fóra de Capital de Distrito, poucos se lhe poderão equiparar; mas posso-lhes garantir que se tivesse sido mais ajudado e se há dez anos se tivesse aproveitado a saúde que nesse tempo tinha e que hoje já me não permite certos excessos, muito mais teríamos de valor, principalmente na Secção Arqueológica. Em 1934 organizei o Grupo de Amigos do Museu em que tinha posto grandes esperanças. Duzentos ou trezentos sócios com uma quota de um ou dois escudos o que se poderia ter feito! Mas deixemos o passado e vamos ao presente porque muito ainda podemos fazer se tivermos vida e saúde e nos quizerem auxiliar.

Agora é que, pode dizer-se, mais nos é necessário o auxílio de todos. Eis porque vimos fazer novo apêlo para que se inscrevam como sócios do Grupo de Amigos do Museu aqueles que, compreendendo a utilidade da obra em que estamos empenhados, ainda não são sócios e desejem o progresso do nosso Museu, se é que entendem ser obra que mereça um pouco do vosso auxílio.

Continua na 4.ª página

Termas Romanas das Caldas de Monchique

Nas Caldas de Monchique por virtude das obras que aí estão em curso para a construção do novo balneário, tem sido encontrados vários objectos que bem provam a utilização das águas, pelo menos, desde o tempo dos romanos.

A acrescentar aos achados que vêm sendo feitos desde 1942, vestígios de construções, muitos tijolos e telhas (imbrices e tegulas) e uma preciosa lápide cuja inscrição nos veio assegurar a utilização das águas pelos romanos, foram agora encontradas novas construções, tipicamente romanas, mais tijolos de vários feitios e qualidades de barro, e muitos fragmentos cerâmicos.

Os primeiros objectos citados estavam precisamente no local da nascente principal; estes agora estão na margem esquerda da ribeira a uns quarenta metros da nascente; davam a impressão de serem tanques ou pequenos depósitos de água, vendo-se até os vestígios de um cano em tijolo e alvenaria. Nos entulhos havia os pequenos cubos de pedra de variadas cores que os romanos empregavam em pavimentos e paredes de pequenos compartimentos ou tanques.

Por amabilidade do Director Clínico das Caldas Senhor Dr. José de Sousa Costa e do Engenheiro que ali trabalha pela Direcção Geral de Minas Senhor Octávio Ferreira, que me comunicaram os achados, tivemos o prazer de estudar no local mais estes preciosos elementos de confirmação das Termas romanas.

J. F.

Reunião de Republicanos

A comissão concelhia do Movimento de Unidade Democrática, constituída nesta cidade, requereu já ao Sr. Governador Civil autorização para uma reunião a efectuar no dia 17 de Novembro no Cine Teatro Ideal.

Festas a São Gonçalo de Lagos

Consta que, por todo o mês de Novembro, se realizará na linda igreja de Santo António, festa em honra de S. Gonçalo de Lagos.

Já não é sem tempo...

E' bem certo o adágio: "Ninguém é profeta na sua terra".

Considerações

sobre o ensino

Por ANTONIO NEVES PEDRO

A Imprensa da capital tem debatido com insistência, nestes últimos dias, o problema do ensino. A questão é de facto da máxima importância, mormente no momento que passa, cuja transcendência política e significado nacional não é demais destacar.

Têm sido chamados a depôr sobre o assunto alguns dos nossos mais competentes Professores do ensino superior, e todos têm sido unânimes em criticar, impiedosamente, como compete, a orgânica dos nossos estabelecimentos de ensino.

Preparamos hoje analisar certas afirmações da primeira dessas entrevistas, a do Prof. e homem de Ciência Bento de Jesus Caraca, e, doutro passo, verificar até que ponto a resposta do «Diário da Manhã» a esse Prof. destrói as suas afirmações.

Nessa entrevista diz o Prof. Caraca:

«Desde 1926 para cá, não só em certos aspectos, elas se não satisfizeram plenamente, mas pode até dizer-se que se retrogradiou. Em 1926 o que havia era insuficiente, quer quanto à orgânica, quer quanto aos meios materiais. Actualmente, o que há é mais que insuficiente: a uma expansão das necessidades, não correspondeu uma modificação da orgânica e dos meios materiais que mantivesse, ao menos, no mesmo grau, essa insuficiência. A distância entre o que há e o que deveria haver, é hoje maior do que em 1926.»

Parece-me bem claro o sentido destas palavras lapidárias e não julgo possível que leitores de boa fé, vejam nela o que lá não está.

O «Diário da Manhã», no seu n.º de 20 do corrente, escreve:

«A sem-razão de um catedrático. Onde se demonstra com

números que o Prof. Bento Caraca se enganou redondamente.»

Ora, se analisarmos cuidadosamente esses números, facilmente se verificará que a razão está com o Prof. Caraca.

Vejamos. Eis os «tais números»

Em 1926 havia 8 484 professores do ensino primário; em 1943 esse número tinha subido para 13 345, isto é, mais 4 861, ou seja, um aumento de 57,3 %.

Em 1926 havia 316 888 alunos do ensino primário; em 1943 esse número tinha subido para 573 710, isto é, mais 256 822, ou seja um aumento de 81 %.

Por sua vez o número de estabelecimentos de ensino primário, teve um aumento 45,2 %.

Como se vê, o aumento de alunos não foi acompanhado pelo aumento de professores nem de estabelecimentos de ensino; os números citados, que foram compilados da resposta do «Diário da Manhã» ao Prof. Caraca, demonstram as afirmações desse Professor. Continuemos a nossa análise. Se fizermos as contas (e alicam os números para quem as quiser verificar) veremos que em 1926 havia 1 Professor por cada 37 alunos, enquanto em 1943, há 1 Professor por cada 42 alunos (!). Note-se que estes últimos números são aproximados.

Julgo que em face destas conclusões, precisas e claras, evidentes em si mesmas, não se torna necessário encarecer o valor das afirmações do Prof. Caraca.

Noutros artigos analisaremos outros aspectos do problema inexgotável que a actual orientação do nosso ensino oferece aos esóritos progressivos, que querem erguer a sua voz na hora extraordinária que estamos vivendo para criticar com honestidade e des-sombro aquilo que todos nós sabemos que está mal.

COISAS E... LOISAS

Ficamos há dias bem impressionados com uma visita que fizemos ao viveiro de flores, em S. João.

Lagos, de futuro, não necessitará de mandar comprar illores lá fora. Já é digna de admirar a linda variedade de crisantemos cultivada.



Realizou-se no princípio do mês, uma exposição de vesti-

dos de criança, executados pelas alunas finalistas do curso de Costura e Bordados, na Escola Industrial desta cidade.

Apesar de anunciada, as Senhoras de Lagos, com raras excepções, esqueceram-se de a visitar.

Foi a exposição inaugurada pela Ex.ª Esposa do Sr. Dr. Castel-Branco.



TANGEE

Baton de fama mundial. Muda a cor em seus lábios. Encontra-se já à venda na

Papelaria Paula

Vultos que não se apagam

Figuras de todos os tempos

MADAME CARMONA

Tenho publicado por diversos jornais artigos cujo título o de hoje insere.

Referi-me sempre a vultos do passado, figuras que a história registou e que se notabilizaram nas artes, nas ciências, em feitos guerreiros ou santos.

Eram heróis ou mártires, que a minha pena humilde se comprazia em descrever. Demasiado conhecidos, não necessitavam de burilado na frase, de graça na expressão, para neles falar.

Nunca tive pena de não saber dizer, como os grandes escritores, os seus feitos.

Hoje porém, que volto a publicar um artigo intitulado «Vultos que não se apagam», lamento não ser um Bernardim, um Vieira ou um Camões, para a maravilhosa obra que o seu espírito formou, junta a cor da expressão admirativa do meu coração.

Mas se todas as tonalidades do Bem aureolam a sua obra para quê preocupar-me com a pobreza de estilo do meu humilde artigo?

Deixo falar o coração, deixo gritar aos quatro ventos de Portugal um nome que não se apagará já mais da lembrança da gente da nossa terra.

Contudo a história não falará de si; as ciências e as artes olvidarão o seu nome; só nos corações ficará a saudade da sua figura, da sua obra, do seu amor!

Quando um dia se esquecer a acção renovadora do Chefe quando apagadas estiverem na lembrança das gentes estes anos benditos da Revolução Nacional, um nome os nossos corações de mulher continuarão a rezar baixinho—Madame Carmona!

Que fez ela de notável?

(O conferente recordou o que foi esse período de guerras constantes, prolongadas depois da Restauração de 1640 pela tomada de Angola pelos holandeses e sua reconquista por Salvador Correia.)

Os portugueses dessa época, a que costumam chamar-se da *ocupação militar de Angola* foram tudo, simultaneamente guerreiros, colonizadores, missionários e comerciantes.

E esses homens, que não conheciam remédios para a malária, nem para a escorbuto, que combatiam contra o indígena a peito descoberto, com armas quasi iguais, afiguram-se-nos hoje, a nós, soldados da metralhadora e do canhão de tiro rápido, do avião e do carro de combate, como super-homens, heróis de lenda, que se igualam aos dos tempos mitológicos da antiga Grécia.

Começa uma época de relativa paz, mas em que, infelizmente o comércio principal era o *tráfego da escravatura*, o que não permitia aplicar a política da aproximação e civilização do indígena, tão gloriosamente iniciada pelo grande Rei D. João II, tão desastrosamente interrompida um século depois por Paulo Dias de Novais.

(Desreveu depois o conferente o que era o comércio de escravos e como as exigências do Brasil, em mão de obra, fizeram atingir o *ponto de saturação*, por esgotamento da matéria prima.)

No tempo de Marquez de Pombal, o grande reformador, ainda houve um governador, D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, que pretendeu imprimir novas directrizes à economia de Angola, ainda se tentou instalar uma *Fábrica de Ferro* em Nova Oeiras—Este Governador diz-nos num relatório elaborado em Lisboa, depois do seu regresso:

«Os tres ramos principais do comércio são os Negros, o marfim e a cera, que todos se conduzem de grande distancia e todos necessitam de auxílio do Governador para a facilidade e segurança do comércio, para a pronta e justa expedição dos navios e finalmente para a atracção de muitos comerciantes e moradores voluntários.»

E assim correm os anos.

1836!

A Guerra Civil terminara.

As instituições liberais e constitucionais são um facto!

Uma nova aurora rompe para Angola: o tráfego da escravatura é abolido.

(O conferente descreve o progresso incessante de Angola sob o impulso vivificador do libera-



MADAME CARMONA

Secção Desportiva

Marítimo, 1—Sport L. Lagos, 1

Começou no passado domingo dia 28, o campeonato regional de futebol da II divisão algarvia, que este ano tem como novidade, o reaparecimento do Silves F. Clube que apresenta uma equipa completamente renovada e que assim vem valorizar o futebol desta zona. A sua apresentação em Lagos, está causando grande ansiedade.

Em Portimão temos os mesmos agrupamentos da época passada: o G. Ória ou Morte e o Boa-Esperança actual campeão desta zona e que este ano está de parabéns pela inauguração do seu campo de jogos.

Nesta cidade, onde cada vez mais se faz sentir a necessidade dum estádio, nada de novo, a não ser o reaparecimento de Santos, guarda-redes do Esperança, que se tinha afastado do seu clube no final da época passada.

Há ainda os redidos de transferência para o Portimonense, de Pintado, do Sport Lisboa e Lagos, e Manuel Afonso e Joaquim Carlos, ambos do Marítimo. A primeira jornada, como dissemos

acima, começou no passado domingo com os seguintes jogos:

—Silves F. C.—Boa Esperança; Glória ou Morte—Esperança; Marítimo—Lisboa e Lagos. Acerca deste último desafio, tiramos os seguintes apontamentos:

O dia chuvoso, afastou muitos entusiastas de assistirem ao encontro, no entanto lá apareceram os «furiosos» armados de chapéus de chuva.

A's 15 horas e 25 minutos, deu-se início ao desafio, e os grupos alinham assim:

Sport—Monchiqueiro, Josino e Marcelino; Florindo, Domingos e M. Reis; Albertino Sagreiro, Canelas, Júlio, Carvalho e Delmiro.

Marítimo—Pinheiro; Flôr e Coelho; Borlinha, Arez e Ermezinde; Salvador, Furtado, A. Duarte, Pedro da Silva e Pedro de Jesus.

Logo de início o Sport ataca e mantém-se por instantes na grande-área azul. Neste período e, após dois grandes «falhanços» dos defesas do Marítimo, Carvalho fica sozinho em frente da baliza e perde esta ocasião de goal confundindo-se com Delmiro. O Mari-

Preguntem-no à viúva desamparada e faminta que viu despedaçado o futuro dos filhos, desfeito o seu lar, a quem um dia a sua mão amiga se estendeu num gesto de protecção; perguntem-no à orfã sujeita aos perigos da fome e da sociedade, sem pão e sem carinhos, que encontrou no seu sorriso doce o estilo para vencer, trabalhar, lutar e continuar a ser honesta; perguntem-no a todos que tiveram uma hora má na sua vida e que a encontraram sempre pronta a tudo fazer para lhes amenizar o destino!

E resses olhos eloquentes duma gratidão sem limites encontram a resposta à vossa interrogação.

Os anos podem passar incertos e desiludidos. mudar-se o rumo do destino da Pátria, cair sobre nós as rosas da bonança ou a metralha maldita da desgraça que nós sabemos conservar intacto este preito de gratidão por Ela—Ela que pode continuar a governar um Estado ou voltar a apagar-se na vida sossegada da província, mas que para nós será sempre aquela que nos valeu na aflicção, no luto, na dor.

Na hora incerta que atravessamos, neste após-guerra em que o fantasma da ambição produz tantas vítimas como a metralha, eu sentia necessidade de dizer esta grande verdade da sua vida.

Perdõe-me pois a singeleza das palavras que não souberam talvez exprimir o sentir do meu coração—mas escute Madame Carmona esse coração que bate em unísono como o de tanta mulher portuguesa que se sente feliz e honrada em tê-la por dirigente e que jamais esquecerá a mão amiga que sempre se encontrou pronta a se lhe estender.

Marisabel Xavier de Fogaça

SEMANA DAS COLÓNIAS

Conferência realizada pelo Sr. Tenente-Coronel Raul Rato

(Desreveu depois o conferente o que era o comércio de escravos e como as exigências do Brasil, em mão de obra, fizeram atingir o *ponto de saturação*, por esgotamento da matéria prima.)

No tempo de Marquez de Pombal, o grande reformador, ainda houve um governador, D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, que pretendeu imprimir novas directrizes à economia de Angola, ainda se tentou instalar uma *Fábrica de Ferro* em Nova Oeiras—Este Governador diz-nos num relatório elaborado em Lisboa, depois do seu regresso:

«Os tres ramos principais do comércio são os Negros, o marfim e a cera, que todos se conduzem de grande distancia e todos necessitam de auxílio do Governador para a facilidade e segurança do comércio, para a pronta e justa expedição dos navios e finalmente para a atracção de muitos comerciantes e moradores voluntários.»

E assim correm os anos.

1836!

A Guerra Civil terminara.

As instituições liberais e constitucionais são um facto!

Uma nova aurora rompe para Angola: o tráfego da escravatura é abolido.

(O conferente descreve o progresso incessante de Angola sob o impulso vivificador do libera-

lismo: concessão de terrenos, ocupação pacífica do território, abertura dos portos ao comércio livre)

Em 1857 Angola já possuía cinco distritos—Luanda, Golungo Alto, Mossamedes, Benguela e Ambriz.

Já há *concelhos*, à metropolitana, em Luanda, Benguela e Mossamedes.

Surge então a grande crise: em 1878, ao termina completamente não só o *tráfego* mas o *estado* de escravatura em Angola, findara o comércio principal, desaparecera o trabalhador barato.

Mas a *crise* debelou-se—a boa vontade e o patriotismo tudo venceram—e o Regulamento do Trabalho Indígena, sucessivamente aperfeiçoado até aos nossos dias, adaptando-se às circunstâncias mais variadas, proclamando a liberdade de trabalho do indígena, trouxe ao nosso convívio civilizador, fê-lo nosso amigo, deu-nos trabalhadores dedicados e eficientes

Algumas revoltas houve que sufocar militarmente. Era natural.

(E depois de descrever a traços largos a administração de Angola no final do século passado e início do presente, depois de se referir ao imposto indígena, à assistência médica, à assistência técnica, ao indígena, à construção de caminhos de ferro e abertura de estradas, ao com-

timos, apesar de jogar contra o vento, procura sacudir a pressão do adversário, mas o Sport volta a atacar e Sagreiro aos 10 minutos perde uma oportunidade. Dois minutos passados, Canelas na marcação dum livre, atrai forte e a bola passa junto à trave.

O Marítimo contra ataca e Pedro da Silva perde uma oportunidade de tento em que o mais difícil era não marcar. Aos 25 minutos, Sagreiro controu em boas condições e o remate de Canelas vai para fora.

Os azuis não perdem as esperanças e são os primeiros a marcar aos 30 minutos por intermédio de Salvador, que concluiu com um remate rasteiro e potente uma jogada pela direita. O Sport procura o empate com afinco, mas nada consegue, a não ser uma boa defesa de Pinheiro, aos 45 minutos, a remate de Delmiro. E a primeira parte termina: Sport, 0—Marítimo, 1.

No 2.º tempo a linha avançada do Sport modifica-se: Canelas, Carvalho, Júlio, Sagreiro e Delmiro.

O Marítimo entra com vivacidade, e Monchiqueiro tem uma boa defesa, aos 50 minutos, após a marcação dum livre por Ermezinde. Segue-se depois um período em que se joga sem brilho. Aos 65 minutos, Júlio que conduzia uma avançada, foi preso por J. Flôr próximo da grande-área, e o árbitro ordenou a marcação dum livre directo, que Canelas transformou em ponto, fazendo anichar a bola no canto superior direito da baliza de Pinheiro.

Com os grupos empatados, o jogo cria mais emoção e as jogadas sucedem-se num e noutro campo. Delmiro, em «off-side» nítida e completamente demarcado, rematou para fora, um passe de Canelas, que antes tinha permitido de lugar com Sagreiro. E' nesta altura que os encarnados procuram modificar o resultado. O Marítimo não se deixa dominar e, aos 77 minutos, Monchiqueiro tem uma defesa a punhos a um remate de longe de Arez.

E, até ao final, nada mais há a registar senão a chuva que cai em abundância fazendo a debanda do público e entravando a acção dos jogadores. Pouco depois o árbitro, dava o desafio por terminado. Marítimo 1—Sport 1

No Marítimo, Coelho distinguu-se na defesa. Ermezinde, talvez um pouco desorientado, menos mal. Salvador bom, e A. Furtado é um jovem com habilidade. No Sport: Monchiqueiro foi um bom guardião das suas balizas. Marcelino, regular. Na linha média, fraca actuação de Manuel. Na linha avançada, o melhor foi Canelas, principalmente enquanto jogou a porta.

Quanto ao arbitro, na primeira parte foi regular e na segunda chegou a pontos de ordenar marcações de livres que beneficiaram o infractor. Outro defeito: gesticula em demasia e apita muito.

Samuel

Em Portimão, o Esperança empatou a 0 bolas com o G. Ória ou Morte.

Em Silves, o Boa-Esperança venceu o Silves por 2-1.

bate da doença do sono, etc., o conferente terminou.)

O indígena, o preto de Angola de hoje, é português, tão português como nós brancos, da metrópole, tão patriota como nós.

A Reforma Administrativa Ultramarina de 1934 hierarquizou as autoridades gentílicas, deu-lhes um lugar definido e justo na administração da nossa maior colónia.

Com uma terra ubérrima e um indígena português, o *branco* da metrópole ou da colónia, tem o seu caminho desbravado para cumprir a sua grande missão em Angola: *trabalhar*, trabalhar pelo engrandecimento e progresso de Angola.

E' neste sentido que se deve interpretar o célebre telegrama que em 1940, por ocasião da comemoração do Duplo Centenário, veio dos colonos de Angola para o Ex.^{mo} Sr. Dr. Oliveira Salazar:

«Nós não desejamos o Império Colonial; nós não desejamos a Metrópole. Nós, os portugueses de Angola, queremos Portugal e Lisboa capital do *Império Português*!»

F I M

CORTE LUC

O mais perfeito, o mais completo,
o mais fácil de aprender.

O Curso é de 32 lições

Ensina com o pagamento a prestações

Maria da Glória Santana Paula

e oferece a cada uma das suas alunas um interessante figurino «LUC» editado pela importante Escola Normal de Corte Luc de Lisboa, o qual agrada todas as senhoras de bom gosto e é publicado nas 4 estações do ano.

Prefiram sempre o método de Corte e o figurino Luc

EDITAL

Conferências de medidas

A Câmara Municipal
do Concelho de Lagos

Faz saber que todas as firmas e indivíduos que utilizem medidas e instrumentos de medir, para comércio, devem apresentá-las a conferir na oficina da Câmara Municipal nos próximos meses de Novembro e Dezembro.

Os interessados que não queiram mandar a oficina, podem requisitar que o serviço se efectue nos próprios estabelecimentos, devendo, para isso, apresentar solicitação escrita na Secretaria da Câmara Municipal ou na oficina, dentro dos referidos meses.

Aos transgressores serão aplicadas as multas cominadas na Lei.

Com as medidas devem ser apresentados os recibos de Contribuição Industrial paga no corrente ano.

Para que ninguém possa alegar ignorância, se publica o presente e idênticos, que vão ser afixados nos lugares mais públicos do Concelho.

Eu J. M. Albuquerque Dias
Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 29 de Outubro de 1945.

O Presidente,
Armando J. F. Castelo-branco

COURELA

Vende-se, no sítio da Cachôa, com figueiras, amendoeiras, arvoredos de fruto, terra de semear, casa de habitação e apendurada. Nesta redacção se informa.

Folha de milho

Vende-se grande quantidade. Tratar com João Lopes da Encarnação—LAGOS.

CASAS

Vendem-se um rez-de-chão na rua do Jardim e outro na rua do Canal.

Nesta redacção se informa.

Bicicleta

Completamente nova, impecável, colçada de novo, equipada com dinamô.

Vende-se, informa-se nesta

OPEL

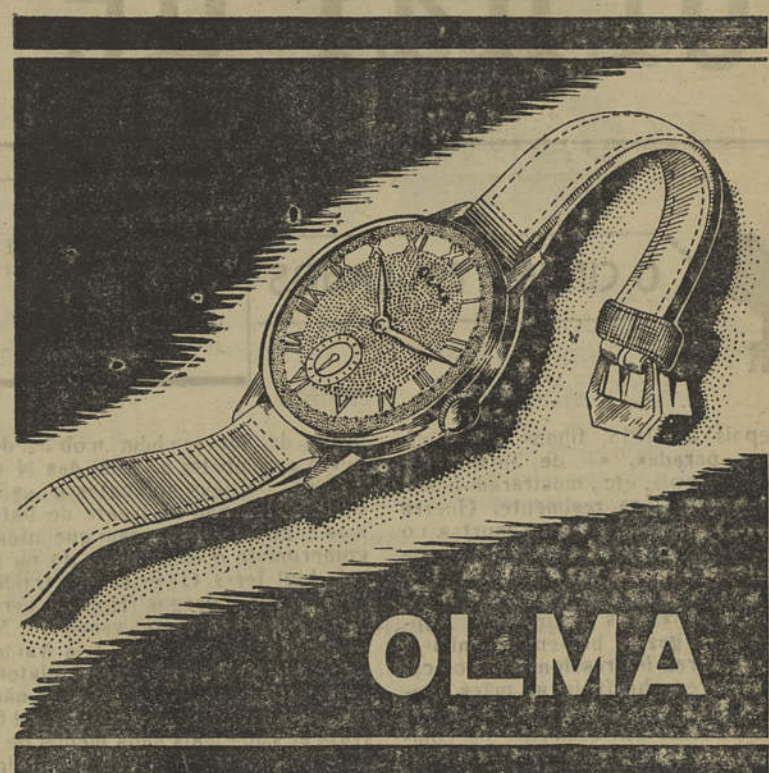
Estado impecável.
Com 7 pneus.

Vende: Armando Freitas Filho—LOULÉ

Arrenda-se

Albardeira, em frente do forte da Meia Praia.

Informações presta o Snr. Elvino Corrêa, na fazenda ao lado.



OLMA

DE ORIGEM SUÍSSA

Qualidade Superior — Precisão absoluta

Vende-se em LAGOS na

OURIVESARIA PINTO

E

RELOJOARIA SUÍSSA

MOTOR

Vende-se em ótimo estado, marca RENAULT de 6 cilindros. Resposta a este Jornal.

ENGENHO DE FERRO

Em segunda mão, com aletrozinhos novos, vende-se. Informa o «Jornal de Lagos».

Vinagreiras

em muito bom estado e qualidade, vende 6 Domingos Pincarilho.

Vende-se

Casas situadas no Rossio de S. João.
Dirigir a esta redacção.

Explicações

De matemática e físico-química, por aluno universitário. Nesta redacção se diz.

Vendem-se

O mobiliário e material didático duma escola particular. Trata-se na rua 5 de Outubro n.º 17.—Lagos

Fogão a lenha

Vende-se em estado novo, por preço económico. Nesta redacção se informa.

Construção Civil

Vendo tijolos de 4 e 2 furos, telha Ibérica a preços de revenda da fábrica de Algós ou sejam os mais baixos do mercado.

José B. de Azevedo.

Descasque de arroz

Compra-se ou arrenda-se. Informa Domingos Pincarilho—Lagos.

Tem o seu receptor avariado?

Entregue-o ao técnico da rádio Júlio dos Santos que procederá à sua reparação com a máxima segurança e por preço económico.

Palha enfardada

Vendo uma porção que sobra do consumo do meu gado.—José B. de Azevedo.

Leia o jornal "A VOZ"

MELÕES

Da melhor região do Ribatejo.

Vende-se na Travessa da Estrema.—Domingos Pincarilho.

Carro de carga

Vende-se, em bom estado de conservação, tendo também apetrechos para uma junta de vacas.

Quem pretender dirigir-se a João Lopes da Encarnação—Lagos

Farinha para gado

Qualidade especial para vacas leiteiras, bem assim para engorda. Vende:

DOMINGOS PINCARILHO

MADEIRA

Taboado de pinho do norte em tocos e aparelhado — Vigotas — Sarrafos — Pranchões.

Para arranjar lugar para novas remessas, faço reduções nos preços.

José B. de Azevedo.

Izaura de Souza Maia



Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

(Ex-estagiária das Maternidades, de Santa Barbara e Magalhães Coutinho de Lisboa, e da Maternidade da Universidade de Coimbra)

PARTOS X TRATAMENTOS X INJEÇÕES

Conselhos pre-natais sobre obstétrica

Serviço permanente

RESIDENCIA PROVISÓRIA:

Rua da Porta de Portugal, 25—LAGOS

OCULOS

Para o sol e vista cansada.

Executa-se todo o receituário médico.

PAPELARIA PAULA

J. M. Albuquerque Dias
ADVOGADO
R. Direita, 91 LAGOS

